

DO NARRADOR AO ROMANCISTA: UMA LEITURA DE A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR

Izabel Cristina Souza Gimenez*

GIMENEZ. I. C. S. Do Narrador ao Romancista: Uma Leitura de A Hora da Escrela, de Clarice Lispector. EDUCERE. Umuarama, v.4, n.2, p. 141-146, jul./dez., 2004.

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de realizar uma leitura do romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, tomando por base os pressupostos teóricos de Walter Benjamin acerca da figura do narrador e do romancista.

Palavras-chave: narrador, romancista, Walter Benjamin

FROM THE TELLER TO THE NOVELIST: A READING OF *THE STAR TIME*, FROM CLARICE LISPECTOR

ABSTRACT: This work has the objective to carry out a reading of the novel *The star time*, from Clarice Lispector, having as support the theoretical assumptions from Walter Benjamin about the figure of the teller and the novelist.

Key Words: teller, novelist, Walter Benjamin.

DEL NARRADOR AL NOVELISTA: UNA LECTURA DE “LA HORA DE LA ESTRELLA”, DE CLARICE LISPECTOR

RESUMEN: Este trabajo tiene la finalidad de realizar una lectura de la novela “La hora de la Estrella”, de Clarice Lispector, tomando por base las suposiciones teóricas de Walter Benjamin acerca de la figura del narrador y del novelista.

Palabras clave: narrador, novelista, Walter Benjamin

1 Introdução

Este trabalho objetiva realizar uma leitura do romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, enfocando principalmente a figura do narrador, tentando verificar como este se apresenta e como organiza o romance a partir de uma determinada realidade social. Os pressupostos teóricos vêm das concepções de Walter Benjamin desenvolvidas na obra *Magia e técnica, arte e política* (1994), particularmente no capítulo denominado “O narrador”.

*Professor Adjunto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Docente do Curso de Letras do campus de Marechal Cândido Rondon

2 Do narrador ao romancista

Segundo Walter Benjamin (1994, p. 197), “a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”. Isso ocorre porque não conseguimos mais trocar nossas experiências, pelo simples fato de que já não mais as possuímos. O desenvolvimento das forças produtivas fez com que o homem se distanciasse do trabalho artesanal e do saber que este produzia. Antigamente as pessoas se reuniam para realizar determinadas tarefas, normalmente em torno de um mestre, que difundia não apenas um conhecimento específico, mas a experiência acumulada durante anos, fosse em sua vivência na terra natal, em andanças pelo mundo, ou pelas duas coisas. Essa experiência, transformada em narrativas, tinha também um caráter utilitário, visto que também ensinava e aconselhava.

Disso resultou que a narrativa transmutou-se em difusão de sabedoria. Mas a partir do advento do capitalismo, quando o trabalho deixou de ser artesanal e os bens de consumo começaram a ser produzidos em série nas fábricas, determinando a segregação do homem, a característica fundamental da narrativa: a experiência, bem como o seu intercâmbio, começou, gradativamente, a se extinguir. Isso determinou a expulsão da “narrativa da esfera do discurso vivo” [...] (BENJAMIN, 1994, p. 201).

Para Benjamin, um outro fator que desencadeou o declínio da narrativa foi o surgimento do romance, já que este não tem sua origem na tradição oral. E, se o narrador vai buscar na experiência, dele próprio ou de outros, a matéria narrativa, o romancista, por outro lado, faz de sua tarefa um ato isolado. Sem conseguir utilizar-se do mecanismo da interação, não colhe os frutos desse processo: o conselho e a sabedoria.

Além disso, a invenção da imprensa, à qual o romance deve a sua difusão, permitiu a disseminação de um outro tipo de comunicação, a informação; perniciosa não só à narrativa, mas ao próprio romance. A informação, pelo seu caráter de imediatismo e plausividade, e pelo fato já trazer os fatos totalmente explicados, não permite que os mesmos sejam transformados em histórias, perdendo, assim, a possibilidade de reflexão e de transmissão de sabedoria.

Ainda para Benjamin, um aspecto importante e decisivo para a narrativa é a memória, pois um homem sem memória não tem o que narrar. Já no romance, o elemento constitutivo é a rememoração. Ambas tem origem na reminiscência, porém, se a rememoração é a “musa do romance”, a memória é a “musa da narrativa”.

Neste sentido, retoma-se a questão anteriormente colocada a respeito do valor do trabalho artesanal, hoje quase inexistente, pois é preciso ter usado “as

mãos, os olhos, e a alma” para adquirir experiência e sabedoria, guardá-las na memória e depois transformá-las em narrativas que serão transmitidas, conservadas, associadas a outras, recontadas, etc., num delicioso vai-vem.

Porém, esse universo fantástico da narrativa parece não ser mais possível na atualidade, porque o homem já não tem mais como reverter esse processo que o transformou em um ser sem referencial, vivendo num mundo fragmentado e caótico. Mas se não há mais histórias para contar porque o narrador está em vias de extinção, resta-nos o romancista, e que este, mesmo sem a sabedoria do narrador, saiba criar novas formas de organizar o romance e, por meio da literatura, consiga questionar e intervir na realidade. É sob esta perspectiva que se pretende realizar a leitura de *A hora da estrela* de Clarice Lispector.

3 A propósito do romancista e da personagem

A obra de Clarice Lispector tem como característica fundante a sua não inserção na forma tradicional da escritura de um romance. A autora não se limita a criar uma literatura onde se pode confundir o enredo dos romances com fatos sociais e históricos. Ao contrário, em seus textos é possível ver como os fatos históricos e sociais se transfiguram em forma estética e, ainda, como essa forma, no caso a romanesca, responde ou reage, de modo específico, a essa realidade social.

Desse modo, o que se vê em *A hora da estrela*, entre outros aspectos, é o relato da vida de uma migrante nordestina que vive desajustada e quase ao desamparo na cidade do Rio de Janeiro; as conseqüências que isso traz para a vida da personagem e, por extensão, à de todos os que vivem na mesma situação e, principalmente, os fatores geradores dessa situação de penúria e abandono em que vivem milhares e milhares de brasileiros. Porém, o que faz a diferença neste romance é a forma como sua autora organizou esta história.

Clarice (A personagem Clarice), abdica do narrador tradicional, onisciente, e cria um autor-narrador que vai contar não só a história de Macabéa, a nordestina, como também a sua própria história de escritor, desvelando assim o processo do ato criador.

Rodrigo, o autor-narrador é, na verdade, o que Benjamin chama de romancista, visto que faz do ato de criar a história de Macabéa um acontecimento isolado:

Para desenhar a moça tenho que me domar e para poder captar sua alma tenho que me alimentar frugalmente de frutas e beber vinho branco gelado pois faz calor neste cubículo onde me tranquei e de onde tenho a veleidade de querer ver o mundo. (LISPECTOR, 1990, p. 37).¹

¹As citações seguintes desta obra de Clarice Lispector serão feitas no corpo do texto apenas pela indicação do número da página entre parênteses.

Segregado, Rodrigo vai criando a história praticamente à vista do leitor, ele não a busca na memória porque ela não existe na memória: “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina” (26). Movido por essa visão, pois viu a nordestina de relance, como num flash fotográfico, ele sente a necessidade de falar sobre essa realidade: “[...] e preciso falar dessa nordestina senão sufoco. Ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela” (31). A história que vai contar é, assim, o resultado de uma descoberta que foi feita aos poucos: “Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual – há dois anos e meio eu venho descobrindo os porquês” (26).

Aliás, questionar, descobrir, é uma outra tarefa a que esse narrador/romancista se propõe, aspecto que o afasta definitivamente da figura do narrador tradicional que a tudo sabe e conhece. Rodrigo não só manifesta o desejo de obter conhecimento como revela que usa da literatura para tanto, pois adverte: “Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever” (25).

Um outro aspecto diferenciador deste narrador é a técnica narrativa, o autor vai mostrando a personagem aos poucos, em flashes, dando ao leitor retratos, como ele mesmo declara, de Macabéa, em meio a reflexões sobre a vida e sobre o ato de escrever.

Aliás, para falar de Macabéa, Rodrigo precisa vestir-se tão pobremente quanto ela, alimentar-se mal e dormir pouco, como o faz a nordestina. O que ele quer realmente é entender o universo da personagem, buscar a experiência dela para ter o que contar. Mas ela não tem essa experiência, não tem memória, não tem sequer o manejo da linguagem. Discriminada e desajustada na cidade grande, “nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável” (44). A moça ganha “uma dignidade” quando aprende a datilografar. “Aprendera em pequena a cerzir. Ela se realizaria muito mais se se desse ao delicado labor de restaurar fios [...]” (41). Mas, “numa sociedade técnica”, o ofício de cerzideira não parece ser digno. Assim, Macabéa perde a oportunidade de adquirir a experiência advinda do trabalho manual, artesanal. Vivendo isolada, seu único entretenimento é ouvir, de madrugada, a Rádio Relógio, cuja programação consistia em dar

‘hora certa e cultura’, e nenhuma música, só pingava em som de gotas que caem _ cada gota de minuto que passava. E sobretudo esse canal de rádio aproveitava intervalos entre as tais gotas de minuto para dar anúncios comerciais – ela adorava anúncios. Era rádio perfeita pois também entre os pingos do tempo dava curtos ensinamentos dos quais algum dia viesse precisar saber. Foi assim que aprendeu que o Imperador Carlos Magno era na terra dele chamado Carolus. Verdade que nunca achara modo de aplicar essa informação. Mas nunca se sabe, quem espera sempre alcança (53).

Essa personagem exemplifica o tipo de vida que passou a ter o homem atual, preso ao relógio, bombardeado por informações, nem sempre úteis, sendo levado, diuturnamente, ao consumismo. Essa situação se agrava ainda mais para a grande maioria que, como Macabéa, vive em estado de indigência. E, se Macabéa personifica o indivíduo relegado ao anonimato, explorado profissionalmente, que nada mais é do que uma peça da engrenagem dentro de uma sociedade capitalista, Rodrigo personifica o escritor vanguardista, que tenta organizar, no romance, um mundo desorganizado, desumano e insensível.

4 Considerações finais

Como tem vindo a ser comentado. Esta obra foge à concepção tradicional de escritura do romance, visto que apresenta um personagem escritor que, de forma bastante irônica, revela todo o processo que preside o ato de criação, desde a relação com o leitor até os conflitos e tensões que se estabelecem ao criar uma personagem, a nordestina Macabéa, e dela contar a história.

Desse modo, Rodrigo vai escrevendo o romance, como já se disse, à vista do leitor, entremeando dúvidas e questionamentos sobre a sua própria vida de escritor à vida de Macabéa e o que a ela subjaz. Ou seja, ao mesmo tempo em que discute e critica a dificuldade de inserção do escritor na sociedade moderna, ele desnuda um problema social secular que é a opressão sobre a mulher, acrescentando aí um novo elemento: a discriminação e a exploração da mão de obra feminina, nesse caso, da imigrante nordestina, bem como a insensibilidade de uma sociedade, na qual ele também está inserido, que se apresenta cega e surda a essa situação:

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando ate a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (28).

Mas tudo isso vai sendo revelado ao leitor não dentro de um padrão de linearidade, e sim de maneira fragmentada, em pequenos flashes, num movimento de superposição de imagens, como se o autor fosse escrevendo da mesma forma como ele vê, e nós vemos, as pessoas e as coisas quando anda por uma rua movimentada de uma cidade grande, isto é, de relance. O que se observa é uma nova maneira de narrar, não à moda do narrador benjaminiano, mas do romancista, “que não recebe conselhos nem sabe dá-los” (BENJAMIN, 1994, p. 201), porém consegue organizar seu texto de forma a mostrar a realidade normalmente contraditória e conflituosa das sociedades modernas. O que torna este romance peculiar, pois, assim estruturado, consegue transformar os elementos externos em

elementos estéticos e, mais do que certezas e acontecimentos, esta obra parece dar forma às dúvidas e reflexões da sua autora.

5 Referências

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.